

Milton Santos: o negro que fez a geografia sorrir

Marcia Barbosa

Era uma reunião dos jovens cientistas dos BRICS (**B**rasil, **R**ussia, **I**ndia, **C**hina e **A**frica do Sul). O tema era diversidade e a discussão estava centralizada na baixa participação das mulheres nas exatas e no topo da ciência. Um dos representantes da África do Sul levanta e pergunta: O Brasil tem um percentual de negros e pardos elevado, onde estão os negros na ciência? O jovem que faz a pergunta é negro, é cientista e demanda uma resposta.

Enquanto reflete sobre o tema, Marcia lembra de um outro cientista negro que além de fazer perguntas desafiadoras encontrava respostas instigantes. O nome dele era Milton de Almeida dos Santos, mas ficou conhecido como Milton Santos. Nascido na pequena cidade de Brotas de Macaúbas na Bahia em 1926, não vinha de uma família de posses, mas de professores primários. Os avós pelo lado materno ensinavam as primeiras letras mesmo quando ainda eram escravos. O único privilégio de Milton foi ter pais e avós que reconheciam a autoridade do conhecimento. Terminado o ensino fundamental, vai para a capital baiana para estudar em um internato, o Instituto Baiano de Ensino. Era um colégio leigo destinado ao público da “classe média, média”, segunda as palavras do próprio Milton. Lá aprende o pensamento crítico com discussões que envolvem história, geografia, sociologia e política sobre o modelo de ocupação do homem do espaço geográfico. Ensinar era a sua vocação e sua subsistência. Aos 13 anos já dava aulas para os colegas mais jovens de matemática e aos 15 de geografia. Continuou lecionando na escola mesmo depois de entrar na universidade.

A política foi parte integrante da vida Milton Santos. Foi fundador da ABES (Associação Brasileira de Estudantes Secundaristas, uma alternativa da UNE). Pensou em ser candidato a presidente da organização, mas foi convencido por colegas a ser candidato a vice, pois um negro teria dificuldades em ser ouvido por autoridades. O racismo era um constante obstáculo para o avanço deste pensador.

Milton tinha forte vocação para matemática, “mas havia uma notícia generalizada de que a Escola Politécnica não tinha muito gosto em acolher negros”, novamente palavras do nosso herói. Engenharia não era para negros. A família o aconselhou a estudar Direito, que era uma saída para os negros terem um diploma. Era possível, mas não era exatamente viável. Ao terminar o curso em 1948, os colegas de Milton que eram filhos das famílias da elite, conseguiam emprego nas firmas de advocacia de seus familiares e amigos, enquanto ele e os estudantes provenientes de famílias menos abastadas eram aconselhados a seguir uma carreira de funcionário público. Milton opta por ensinar geografia o que lhe traria a flexibilidade de fazer ciência.

Ele, no entanto, não foi um geógrafo de estudar contornos e relevos, era fascinado pelo movimento das pessoas. Vindo de uma região do sertão desde a infância observou a migração das pessoas de regiões pobres e sem recursos para as grandes cidades. Este docente jovem se perguntava sobre qual era a vida destes grupos nas grandes cidades. Em um evento no qual Milton participava, o pesquisador Jean Tricart, percebendo a visão única de Milton, o convidou para fazer o doutorado na Universidade de Estrasburgo. Durante o doutorado, Milton encantava professores e estudantes com sua empolgação pela geografia e sorriso. Doutora-se em 1958. Volta para o Brasil e abre seu laboratório de pesquisa na Universidade da Bahia.

A visão crítica e humanista de Milton o leva a ser preso durante o Golpe de 1964. Ainda preso

recebe convites para trabalhar na França e, ao sair da prisão, emigra para este país. Inicia-se um período em que atua em diversos países ampliando o seu impacto internacional.

Milton poderia ter feito toda uma carreira fora do Brasil, mas ele queria ver os filhos crescerem no Brasil. Além disso, ele estava interessado na geografia das grandes cidades que ele descrevia como se fossem dois mundos que governam as metrópoles terceiro mundistas. O Brasil era o local ideal para fazer este estudo. Então volta ao Brasil em 1977. Aqui publica em 1978 o livro “Por uma Geografia Nova”, onde critica os parâmetros existentes e pede pela renovação dessa ciência. No ano seguinte lança “O Espaço Dividido”, hoje considerado um clássico da geografia mundial. Ele descreve as cidades dos países em desenvolvimento divididas em dois circuitos: um circuito superior, rápido, movido pelo capital e pela tecnologia e um circuito inferior, lento, de serviços tradicionais, sem tecnologia. A cidade dos países em desenvolvimento se insere no mundo através do circuito superior. Este se serve do inferior em um modelo quase feudal. Somente alguém que viu populações migrarem e se instalarem nas periferias da cidade, vivendo de forma quase escrava poderia perceber esta dinâmica. A visão de Milton deixa o mundo perplexo.

Apesar do seu impacto internacional e dos convites de voltar para o exterior, não foi aceito facilmente pela academia brasileira. Só consegue um cargo permanente em 1984 como docente da USP. Nos anos que se seguem, amplia sua compreensão dos dois circuitos urbanos incluindo o fenômeno da globalização, prevendo o crescimento e a revolta deste homem de periferia, o homem lento. Hoje vemos as previsões de Milton Santos se realizando nas grandes metrópoles via ocupações urbanas. Milton morre em 2001 aclamado no Brasil e no exterior sete anos depois de ter ganhado o maior prêmio Vautrin Lud, considerado o Nobel da geografia.

Marcia desperta de seu devaneio e responde ao colega sul-africano que o Brasil precisa de mais negros nas universidades e na ciência. Hoje são somente 16% de docentes que se declaram negros nas universidades públicas brasileiras e unicamente 8% de pesquisadores com bolsas de produtividade em pesquisa do CNPq. Precisamos de mais negros e negras não somente porque é mais democrático, mas porque a diversidade é um instrumento de eficiência. Isto ela aprendeu com Milton Santos, o negro que fez a geografia sorrir.